



Análise de Conjuntura

Boletim periódico da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados

Os textos são da exclusiva responsabilidade de seus autores. O boletim destina-se a promover discussões sobre temas de conjuntura e não reflete a posição de parlamentares, de suas assessorias ou do corpo técnico da Câmara dos Deputados.

NESTA EDIÇÃO: 1. Desempenho econômico em 2009.
2. Feliz 2010!

2009: alguns desdobramentos da crise

Em outubro de 2008, a crise econômica mundial chegou ao Brasil. Num primeiro momento, houve um debate sobre a validade, ou não, da “teoria do descolamento” dos países emergentes, segundo a qual passaríamos relativamente incólumes pela crise. Depois tivemos um agudo período de pânico, inclusive com demissões em massa em alguns setores. Já no segundo trimestre deste ano, as expectativas começaram a melhorar.

Poeira assentada, o resumo é o seguinte:

- *a crise praticamente não afetou os níveis de emprego, renda e consumo;*
- *as exportações caíram, com venda de menos produtos elaborados e de mais produtos primários, e a China tornou-se nossa maior compradora, ultrapassando EUA e Argentina;*
- *o PIB encontra-se em recuperação, mas sofreu recuo em dois trimestres, sendo a indústria de transformação o setor mais afetado.*

Em vista do cenário externo, produção e emprego surpreendem

A despeito da crise, os números do desemprego do IBGE mostraram relativa estabilidade neste ano. De maneira geral, as taxas de desemprego registradas em 2009 estiveram, nas seis regiões metropolitanas abrangidas pela Pesquisa Mensal de Emprego, próximas às observadas em 2008 – em média, a taxa de desemprego cresceu 0,25 ponto percentual no corrente ano.

Por outro lado, o rendimento médio real efetivamente recebido pelo pessoal ocupado elevou-se desde a eclosão da crise, atingindo crescimento anual de quase

Expediente

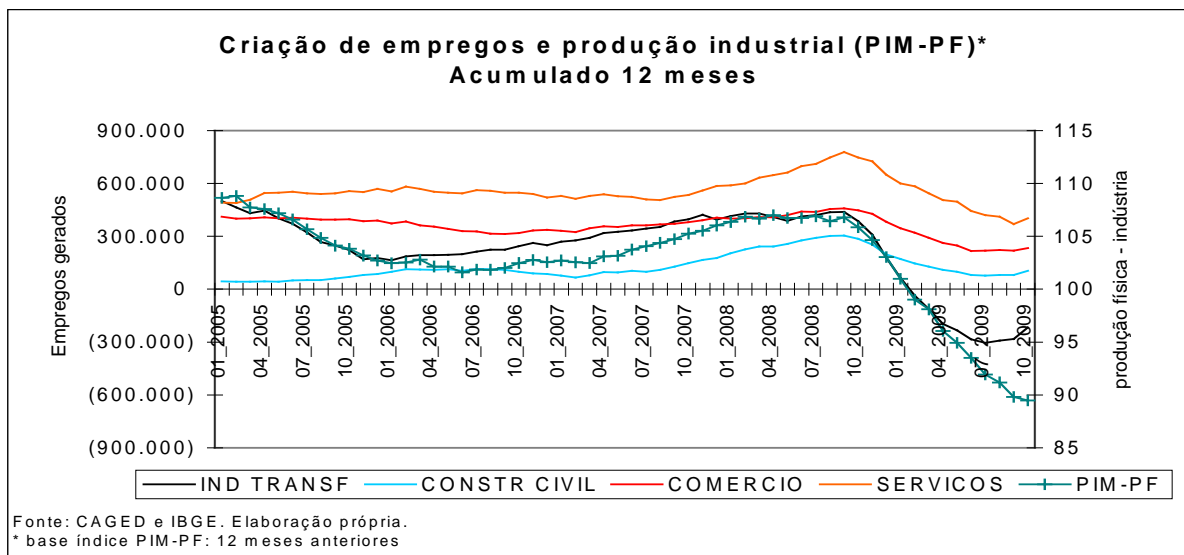
Boletim de Análise de Conjuntura (BAC). Ano 1, nº 42. Quarta-feira, 16 de dezembro de 2009.

Colaboraram neste número: Aurélio Guimarães Cruvinel e Palos e Murilo Rodrigues da Cunha Soares. Revisão: Bernardo Lins, Humberto Veiga e Marcos Pineschi.

O Boletim de Análise de Conjuntura é uma publicação da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados. Destina-se a promover o debate sobre temas de conjuntura e não reflete a posição de parlamentares, de suas assessorias ou do corpo técnico da Câmara dos Deputados, incluída a Consultoria Legislativa.

3%. Com isso, a massa salarial, além de não registrar queda no pós crise, chegou a apresentar crescimento real de 3,5%.

Os números do CAGED confirmam a rápida resposta do mercado de trabalho à crise, exceto na indústria de transformação. O gráfico a seguir apresenta a variação do número de postos nos principais setores econômicos, assim como a evolução da produção física na indústria.



O ritmo de contratações líquidas em doze meses decresceu ao longo de 2009, chegando a níveis absolutos semelhantes aos de 2006. Um caso à parte foi a indústria de transformação, que registrou, em todos os meses deste ano, perda de empregos no acumulado de doze meses.

Em vista dos impactos da crise no mercado de trabalho de outros países, reconhece-se bastante favorável o desempenho do emprego no Brasil. Nos Estados Unidos, segundo o Departamento de Trabalho, a taxa de desemprego dessazonalizada dobrou em pouco mais de um ano e meio, saindo de 5% para 10% entre os meses de abril de 2008 e novembro de 2009.

Por aqui, setores tradicionalmente voltados para o mercado interno, como comércio, serviços e construção civil, guiaram a reação, enquanto os segmentos exportadores da indústria amargaram forte retração. Mesmo na indústria de transformação, onde, em termos agregados, a produção física recuou 10,5% no período de doze meses encerrados em outubro, essa regra parece ter prevalecido. Segmentos como os de alimentos, bebidas, farmacêutica e perfumaria apresentaram apenas um pequeno recuo ou, até mesmo, crescimento no período. De outro lado, subsetores como o de metalurgia básica reduziram drasticamente sua produção física no período, no caso em 21,5%.

Ainda sobre a indústria de transformação, sua participação no PIB vem caindo, a cada trimestre, desde meados de 2007. Seria de se esperar que a crise pudesse intensificar o ritmo de encolhimento do setor. Contudo, não foi o que se observou: entre o terceiro trimestre de 2008 e o terceiro de 2009, o recuo médio trimestral da

participação da indústria de transformação no PIB é de 1,7%; no último ano, a queda média reduziu-se para 1,4%.

Na outra ponta, a recuperação da atividade econômica foi liderada pelos serviços. No último ano, a participação do setor no PIB cresceu a uma média de 0,8% ao trimestre, respondendo, no terceiro trimestre de 2009, por quase 70% do valor adicionado a preços básicos.

Investimento cresce na comparação do 3º com o 2º trimestre de 2009: algo a se comemorar?

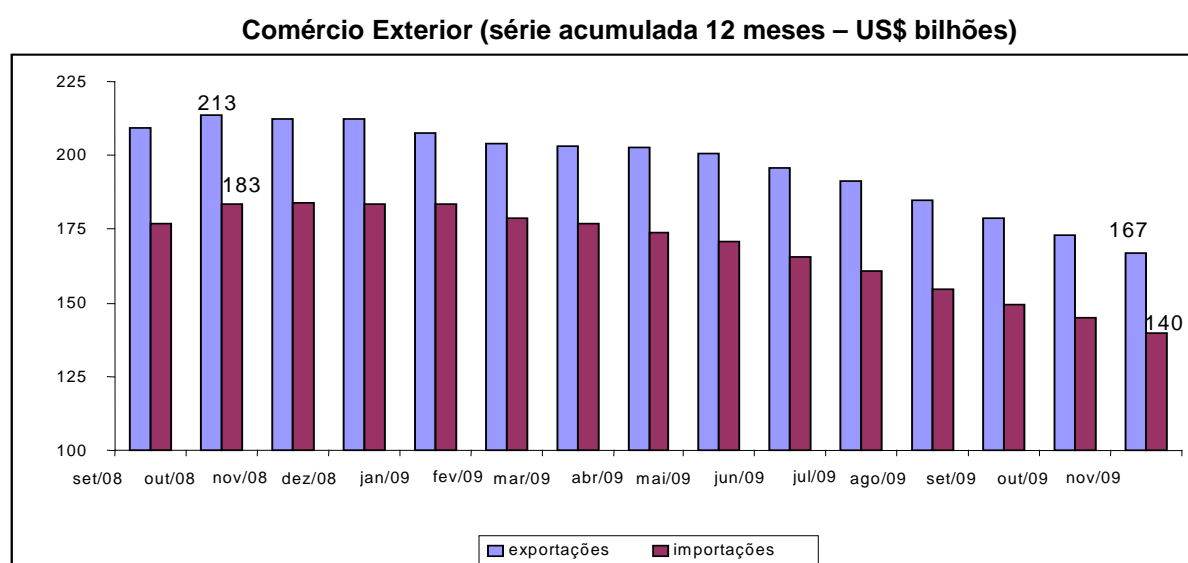
Após a divulgação dos mais recentes números do PIB, na última semana, segundo diversos analistas, a frustração pelo crescimento abaixo da expectativas teria sido compensada pelo aumento da formação bruta de capital fixo.

Entretanto, deve-se ressaltar que, embora a rubrica tenha voltado a crescer na comparação intertrimestral – 15,8% no segundo trimestre e 17,7% no terceiro trimestre de 2009, um crescimento de 6,5% considerados os ajustes sazonais –, os dados anualizados mostram que a trajetória de baixa persiste. Do pico de 18,7% registrado no fim de 2008 aos 16,9% do PIB no terceiro trimestre deste ano, a participação dos investimentos no PIB reduziu-se cerca de 9%.

Ao se levar em conta que a fração no PIB relativa ao consumo das famílias vem crescendo a cada trimestre desde meados de 2007, eleva-se a preocupação com a redução no ritmo dos investimentos, pois a incapacidade do setor produtivo em responder ao crescimento da demanda das famílias geraria maior pressão sobre os preços, impelindo o Banco Central, a fim de conter a inflação, a apertar a política monetária e elevar os juros básicos.

Exportações e importações despencam. China: nosso maior parceiro

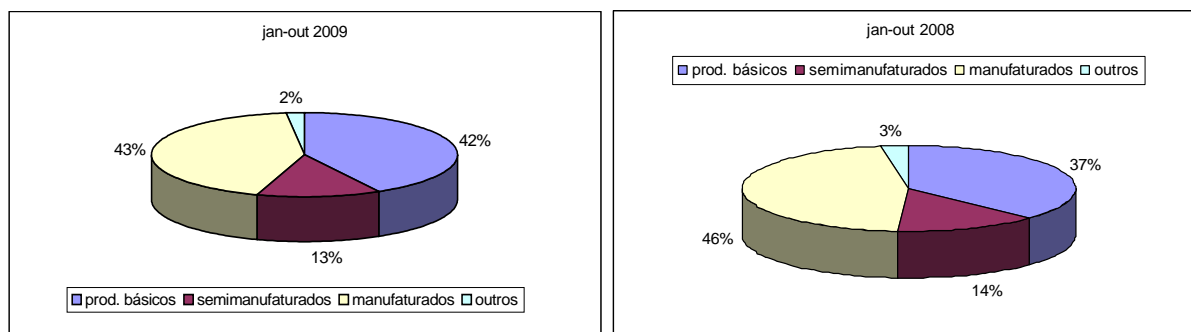
O reflexo da crise sobre o comércio exterior foi imediato. O gráfico a seguir mostra a série de exportações e importações acumuladas em doze meses:



Fonte: MDIC (Ipeadata).

Entre outubro de 2008 e novembro de 2009, as exportações anuais caíram de US\$ 213 para US\$ 167 bilhões; as importações anuais, de US\$ 183 para US\$ 140 bilhões.

O prejuízo foi também qualitativo. Comparando-se as exportações de janeiro a outubro de 2009 com o mesmo período do ano anterior, verifica-se aumento da participação dos produtos básicos (de 37% para 42%) em detrimento dos manufaturados (46% para 43%) e semimanufaturados (de 14% para 13%):



Fonte: MDIC (Ipeadata).

De fato, o recuo das exportações no período entre janeiro e outubro de 2009 em relação a 2008 foi de mais de US\$ 43 bilhões, sendo que, dentre os dez grupos de produtos que mais se reduziram, destacam-se os dos setores automotivo, metalúrgico, máquinas e equipamentos e eletroeletrônicos:

Dez grupos de produtos com pior desempenho exportador (US\$ bilhões)	Exportações Jan-Out 2008	Exportações Jan-Out 2009	Diferença
Total Geral	169,4	125,9	-43,5
Material de transporte e componentes	22,2	12,9	-9,3
Petróleo e derivados de petróleo	19,8	11,8	-8,0
Produtos metalúrgicos	17,0	9,3	-7,8
Minérios metalúrgicos	16,1	12,0	-4,1
Máquinas aparelhos e instrumentos mecânicos	8,1	5,0	-3,1
Carne	12,5	9,4	-3,1
Produtos das indústrias químicas	10,5	8,8	-1,6
Materiais elétricos e eletrônicos	5,5	4,0	-1,5
Calçados e couro	3,5	2,2	-1,3
Madeiras e manufaturas de madeiras	2,4	1,4	-1,1

Fonte: MDIC.

Os três maiores países compradores de produtos brasileiros trocaram de lugar entre si: a China pulou do 3º para o 1º lugar; os Estados Unidos caíram do 1º para o 2º lugar; e a Argentina caiu do 2º para o 3º lugar:

Parceiros comerciais (exportação - US\$ bilhões)	Jan-Out 2008	Jan-Out 2009	Diferença
01- China	15,1	17,7	2,6
Soja mesmo triturada	5,2	6,3	1,1
Minérios de ferro e seus concentrados	4,4	5,8	1,4
Óleos brutos de petróleo	1,5	0,9	-0,6
Pastas químicas de madeira	0,6	0,9	0,3
Demais produtos	3,4	3,7	0,3
02- Estados Unidos	23,7	12,8	-10,9
Óleos brutos de petróleo	3,8	2,0	-1,8
Aviões	1,9	0,7	-1,2
Café cru em grão	0,6	0,6	0,0
Motores, geradores e transformadores eletr. e partes	0,7	0,5	-0,2
Demais produtos	16,7	9,1	-7,6
03- Argentina	15,4	9,6	-5,8
Automóveis de passageiros	2,3	1,4	-0,9
Partes e peças para veículos automóveis e tratores	1,1	0,9	-0,2
Aparelhos transmissores ou receptores e componentes	0,9	0,7	-0,2
Motores para veículos automóveis	0,6	0,3	-0,3
Demais produtos	10,6	6,4	-4,2

Fonte: MDIC.

Como se pode ver, a China somente se tornou nossa maior cliente devido à brutal retração nas compras dos Estados Unidos (quase US\$ 11 bilhões) e da Argentina (quase US\$ 6 bilhões). Com isso, houve perda de valor agregado nas exportações brasileiras: a China praticamente só compra produtos básicos, enquanto Estados Unidos e, principalmente, Argentina adquiriam produtos mais sofisticados. Isso explica, em certa medida, a retração sofrida na produção da indústria de transformação, já tratada anteriormente.

Não se espera melhoria significativa no comércio internacional. A OMC estima que seu volume terá uma redução de 9% em 2009. Assim, se o Brasil quiser retomar as vendas de produtos mais elaborados, terá que adotar posturas mais agressivas na área de comércio exterior. A criação de uma espécie de *Export-Import Bank* nacional poderia auxiliar na retomada das exportações dos bens mais sensíveis à oferta de crédito na sua aquisição.

México: valeu a pena integrar-se ao NAFTA?

Os efeitos da abrupta queda das exportações brasileiras para os Estados Unidos não se comparam com os sentidos pelo México. No terceiro trimestre de 2009, o PIB daquele país registrou retração anualizada de -6,2%, a quarta seguida (-1,6% em 2008-IV; -7,9% em 2009-I; -10,1% em 2009-II).

Conforme o anuário da OMC, em 2008, a corrente de comércio mexicana havia atingido impressionantes US\$ 615 bilhões. As exportações haviam sido de US\$ 292 bilhões, mais de 80% delas destinadas aos Estados Unidos. As importações haviam somado US\$ 323 bilhões, quase 50% delas vindas daquele país. O segundo maior parceiro do México foi a Comunidade Européia (27 países), destino de 6% das exportações e origem de 13% das importações mexicanas, o que mostra a umbilical dependência dos mexicanos em relação ao mercado norteamericano. A publicação mostra que, à época, os Estados Unidos também eram o nosso maior parceiro, mas respondiam por pouco menos de 15% das nossas exportações e importações.

Em 1994, o México ingressou no NAFTA. No ano seguinte, houve forte retração no PIB (-6,2%), compensada por um crescimento médio de 5,5% ao ano entre 1996 e

2000. De 2001 a 2008, o ritmo do crescimento foi menos vigoroso (média de 2,4% ao ano) e mais errático, inclusive com retração em 2001 (-0,2%). Porém, considerado o período entre 1992 e 2007, o crescimento do PIB *per capita* mexicano foi o menor da América Latina.

O país foi o maior destinatário de investimento estrangeiro direto (IED) da América Latina, recebendo em média US\$ 20,6 bilhões anuais entre 2003 e 2007. Mas há evidências de que o aumento do investimento estrangeiro não transbordou para o restante da economia (via inovação tecnológica, integração de multinacionais com empresas locais, qualificação do emprego, melhoria da distribuição de renda, etc.). Paradoxalmente, a taxa de investimento (Investimento/PIB), que no período pré-NAFTA era de 24%, reduziu-se para 19%.

Já há algum tempo o México sofre com a concorrência da China, cujos produtos competem diretamente com os seus no mercado norteamericano. E, agora, a situação agrava-se com a crise econômica que afeta seu maior parceiro comercial. Em abril de 2009, o país recorreu ao FMI e obteve uma linha de financiamento (*Flexible Credit Line*) de US\$ 47 bilhões.

Tudo isso nos obriga a cogitar sobre como estaríamos se a ALCA tivesse sido efetivamente criada.

Feliz 2010!

Em vista do recesso parlamentar, estamos suspendendo a publicação semanal deste Boletim. Agradecemos àqueles que nos acompanharam ao longo deste ano de crise e de desafios, alguns superados, outros nem tanto. Desejamos a todos um fim de ano de paz e alegria e um auspicioso 2010.